

O veneno da Maçã



CLEIA LIRA

PERIGOSAS NACIONAIS

O veneno
da Maçã

CLEIA LIRA

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2018 Cleia Lira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Analine Borges Cirne

Capa: Layce Design

Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o

consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98

e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil.

PERIGOSAS ACHERON



[Eu sou livre](#)
[Atração](#)
[Pensamentos traidores](#)
[Tentação](#)
[O pecado da maçã](#)
[Epílogo](#)
[Agradecimentos](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Sobre a autora](#)

[Outras obras](#)

[Contato](#)



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para aqueles que acreditam no primeiro amor.

PERIGOSAS ACHERON

*O problema com contos de fadas
é que eles levam uma garota ao desapontamento.*

*Na vida real, o príncipe foge com a princesa
errada
ou o feitiço acaba e os dois amantes se dão conta
de que são melhores com o que quer que sejam.*

*Mas vou confessar, de vez em quando
uma garota consegue seu final de contos de fada.*

– Gossip girl



*Quando o príncipe dos meus sonhos vier a mim,
ele vai sussurrar “eu te amo” e roubar um beijo ou dois.
– Branca de Neve*

NASCI E CRESCI numa fazenda no sul do país. Meu pai, Alfredo, tem uma plantação de maçãs e cultiva a fruta desde bem jovenzinho. A

PERIGOSAS ACHERON

fazenda está na família há anos, nem sei quem plantou a primeira macieira. Hoje em dia, meu pai é um dos maiores produtores da região. Sou a caçula de sete irmãos – isso mesmo, a única mulher no meio de tanta testosterona.

Papai teve quatro filhos com a primeira esposa, mas ela morreu cedo, vítima de um câncer agressivo, e ele ficou com a incumbência de cuidar dos meninos sozinho. Minha mãe, Carmem, perdeu o marido ainda jovem, vítima de um ataque cardíaco, e ficou sozinha com três filhos. Os dois se conheceram na igreja e, depois de alguns meses, resolveram morar juntos. Foi uma confusão só. Os meninos, quase da mesma idade, brigavam feito cão e gato, mas as coisas foram se acalmando e, no ano seguinte, eu nasci para apaziguar os ânimos – pelo menos, é isso que minha mãe conta. Eles deixaram de implicar uns com os outros e decidiram cuidar de mim, ou melhor, não largar do meu pé. Todos me irritam, são pegajosos, mas amo cada um deles, só não digo muito isso para não se acostumarem.

Finalmente, mais uma etapa da minha vida iria começar: no ano seguinte, cursaria veterinária na capital. Eu nunca tinha saído da fazenda nem da

pequena cidade da qual ela faz parte, por isso era um desafio e uma imensa expectativa morar sozinha pela primeira vez. Mesmo que eu fosse dividir o apartamento com outras meninas, ainda assim era uma grande mudança para mim, e eu estava contando nos dedos os dias que faltavam para a minha viagem.

Estava sentada no balanço que meu irmão mais velho construíra para mim atrás da nossa casa, no velho ipê, esperando a minha única amiga aparecer para jogar conversa fora e me distrair.

— Achei que não apareceria mais — resmunguei quando ela surgiu atrás de mim e tampou meus olhos com as mãos.

— Minha avó não me deixou sair antes de ajudá-la com a louça — explicou enquanto se sentava embaixo da árvore. Clara vinha passar os finais de semana com a avó, que morava numa fazenda a pouco mais de um quilometro da minha. Nós havíamos nos conhecido desde criança, e eu contava tudo para ela.

— Não é nenhuma novidade ajudar a sua avó, você só vem para a casa dela por isso. Não entendo por que enrola tanto — comentei dando de ombros, observando minha amiga encostada ao grande

tronco do ipê, com os cabelos louros e lisos até a cintura e uma franja insistente que cobria parte dos seus olhos castanhos. Com o corpo esguio e franzino, ela nem parecia que tinha 18 anos, assim como eu.

— Tenho preguiça. — Suspirou, tirando a franja dos olhos.

— Sei disso, eu também tenho às vezes, mas tenho que fazer do mesmo jeito, por isso faço o mais rápido que posso e depois disso estou livre.

— Fala isso porque sua mãe não manda você fazer um monte de tarefas domésticas.

— Nem sua avó. Vamos mudar de assunto, que já estou cansada dessa reclamação — pedi fazendo impulso nos pés para o balanço se mexer.

— Sobre o que quer falar? — questionou distraída.

— A faculdade — respondi animada, ganhando impulso no balanço.

— Eu sabia — comentou abrindo um sorriso maroto.

— Ainda não cansei de falar sobre isso, acho que nem quando estiver lá, cursando veterinária, vou me cansar. Não sei como vai aguentar ficar mais um ano morando com seus pais. Mesmo que

não more numa fazenda o tempo todo, como eu, a cidade ainda é um ovo.

— O que vou fazer? Não passei no curso que queria, por isso vou ter que esperar mais um ano — falou resignada.

— Desculpe, amiga, não queria magoar você — disse arrependida.

— Eu sei disso, não se preocupe. Vou ficar torcendo por você. Aproveite sua liberdade e me conte tudo — pediu animada.

— Vou fazer isso, pode ter certeza. A primeira coisa que vou fazer quando morar sozinha é ir a uma festa, beber todas e ficar com um estranho — falei sonhadora.

— Não se empolgue tanto, os garotos da faculdade não são como os pés-rapados da pequena escola em que estudamos, além disso, não conhecem os seus irmãos para se sentir intimidados, pode ser perigoso ficar bêbada numa festa.

— Você tem razão, vou esquecer a bebida, mas pretendo ir a muitas festas e dar meu primeiro beijo! — comentei empolgada. Morar numa fazenda e estudar em uma escola pequena não me trouxeram muitas experiências com os garotos, sem

contar a vigilância constante dos meus irmãos – era impossível conseguir fugir deles. Após atingir a maioridade, passei a ter um pouco mais de folga, uma vez que os mais novos estavam na faculdade e tinham deixado a fazenda, enquanto os outros estavam trabalhando fora. Ainda assim, nessa época o Gabriel e o Rodrigo ainda moravam com meus pais – mesmo que ambos já tivessem quase trinta anos – e me vigiavam o tempo todo.

— Que inveja!

— Não sinta, ainda vai chegar o seu dia de sair de casa.

Aumentei o ritmo do balanço. Adorava sentir o vento nas minhas pernas e a sensação de liberdade que esse balançar me proporcionava.

Ficamos a tarde toda conversando sobre nossos futuros. Esse era o assunto do momento. Quando se tem uma vida monótona como a minha, tudo o que mais se deseja é sair da rotina. No meu caso, a saída era ir para a faculdade. Já no fim da tarde, despedi-me da minha amiga e caminhei devagar em direção a minha casa.

Deslizei meus pés pelo cascalho branco que indicava o caminho e aos poucos fui avistando minha casa, único lugar que já chamara de lar. Não

era luxuosa, mas eu a adorava. As janelas de madeira combinavam com a fachada toda pintada de branco. Apesar de não parecer, era imensa, para comportar a família enorme que eu tinha, com dez quartos, uma cozinha moderna e confortável, uma sala de estar que abrigaria minha família toda e mais vinte convidados, além da biblioteca, o escritório do meu pai, uma sala de jantar, uma sala de TV, vários banheiros e uma varanda que cercava toda a casa, com bancos, redes e poltronas confortáveis espalhados pelos quatro cantos.

— Até que enfim resolveu aparecer — ironizou a minha mãe, secando as mãos no avental enquanto se virava para me receber.

Entrei pela porta da cozinha, e o cheiro da sua famosa torta de maçã já tomava conta do ambiente. Olhei na direção em que vinha o cheiro gostoso e fiquei com os olhos do tamanho de pires ao observar as duas tortas esfriando em cima da enorme mesa de madeira.

— Estava no balanço com a Clara — justifiquei na esperança de amansar a fera. Minha mãe era baixinha, magra, com cabelos pretos parecidos com os meus e grandes olhos castanhos, mas, por trás de toda essa fragilidade, abrigava uma

leoa – *nunca a deixe irritada; você se arrependerá depois*. Por isso, eu era cautelosa ao conversar com ela; não se sabia quando suas garras iriam se mostrar. Brincadeiras à parte, mamãe era minha amiga, e conversávamos sobre tudo, até garotos – os poucos pelos quais me apaixonara durante o tempo em que frequentara a escola.

— Não demore tanto da próxima vez. Esqueceu que preciso da sua ajuda para preparar o jantar? — indagou erguendo as sobrancelhas.

— Não esqueci — resmunguei pegando os pratos no aparador para arrumar a mesa do jantar. Essa era a nossa rotina. Não era cansativa, de modo algum. Porém, era enfadonha, e, a cada dia que passava, eu estava mais estressada com ela.

Quando terminei meu serviço, fui até a porta da sala e gritei a plenos pulmões:

— O jantar está na mesa, pessoal! — Não precisei repetir o convite; no mesmo instante, a conversa cessou, as cadeiras se arrastaram, e os passos largos na minha direção ecoaram no ambiente.

Minutos depois, todos já estavam sentados à mesa, meu pai à cabeceira, sorrindo como sempre, usando uma camiseta e um jeans surrado, sua roupa

preferida para ficar em casa. Seus poucos cabelos pretos estavam bem penteados para trás, e seus olhos verdes se encontravam cansados depois de um dia todo cuidando da plantação. Sua barriguinha saliente não o deixava se encostar à mesa.

Ao lado dele estava meu irmão mais velho, filho do primeiro casamento do meu pai, Gabriel. Ele se formara alguns anos antes em administração e voltara para cuidar da fazenda, era o braço direito do meu pai. Ainda não tinha se casado, apesar das garotas da região ficarem encantadas por ele. Meu irmão era bonito, tinha porte atlético, olhos verdes e cabelos pretos como os do meu pai. Apesar disso, não parecia querer se casar tão cedo. Seu principal interesse era o trabalho.

No lado oposto se sentou meu outro irmão, Rodrigo, o mais cheinho deles e o único que tinha uma barriguinha saliente, parecida com a do meu pai. Mesmo assim, eu o considerava bonito, do seu jeito, é claro, sempre tão atencioso e educado, mesmos olhos e cabelos do irmão, com mais alguns quilinhos de charme, segundo ele. Era o único que tinha uma namorada, e em breve ficariam noivos. Ele cursara engenharia civil e trabalhava na

prefeitura da cidade vizinha, por isso ainda morava com os pais.

Bem próximo a ele, sentado despojado na cadeira, estava Vítor, sem prestar atenção ao que se passava a sua volta, mesmos olhos verdes e cabelos pretos. Porém, seu corpo era um diferencial, pois ele era todo trabalhado pelos anos de prática de judô, inclusive competia fora do país pela sua faculdade de educação física, o que o ajudara a abrir a única academia da cidade, que oferecia, além da arte marcial, musculação e outras atividades. Ele não morava mais na fazenda, mas sempre aparecia para comer.

Meu outro irmão por parte de pai não estava em casa; Gustavo havia ido cursar agronomia fora do estado. Era a cópia dos irmãos, exceto por um detalhe: era o irmão mais carinhoso que eu tinha.

Mamãe se acomodou na outra ponta da mesa, de frente para papai, e, ao lado dela, meus irmãos por parte de mãe se sentaram. Eu não fazia distinção entre eles, mas era nítida a diferença, sobretudo na aparência física. Enquanto meus irmãos por parte de pai eram morenos de olhos verdes, os por parte de mãe eram louros e tinham olhos azuis, assim como o pai deles.

PERIGOSAS NACIONAIS

Marcos, o mais velho deles, tinha quase a idade de Gabriel, mas era o oposto dele: franzino, usava óculos e adorava mexer em computadores. Sua paixão era tanta que se formou na área e foi trabalhar na capital. Estava em casa para as férias de final de ano que se aproximavam.

Lucas era o irmão sorridente e feliz; nunca tinha tempo ruim para ele. Sentado ao lado da mamãe, puxava conversa o tempo todo e também estava de férias na fazenda, de seu curso superior de gastronomia na capital.

Guilherme não estava em casa, quase nunca aparecia. Era modelo e ator, fazia faculdade de teatro na capital, viajava o mundo a trabalho nas férias e competia pelo título de irmão mais bonito com o Vitor.

Estava tão distraída que nem percebi que todos já tinham se servido e a conversa dera lugar ao barulho dos talheres e das travessas sendo passadas de mão em mão. O aroma gostoso da comida caseira preparada com carinho pela minha mãe tomava conta do ambiente.

O ponto alto da noite ficou por conta das tortas de maçã. Estavam tão suculentas que minha boca salivou antes mesmo de comer o primeiro pedaço.

PERIGOSAS ACHERON

Devoramos as duas tortas enormes em questão de minutos, e apenas migalhas sobraram nas travessas de vidro.

Depois do jantar, nós nos dividimos para tirar a mesa, lavar, secar e guardar a louça e nos preparamos para dormir. Deitei-me mais cedo do que de costume, por isso demorei a pegar no sono. Fiquei girando de um lado para o outro e só fui dormir de verdade quase duas horas depois.

Acordei no dia seguinte cansada, mas não reclamei. Precisei pular da cama e ajudar minha mãe com os afazeres da casa. Apesar de termos uma empregada, não era suficiente para cuidar de uma casa tão grande como aquela.

Estava varrendo a varanda despreocupada. Meus irmãos já tinham saído de casa, minha mãe estava na cozinha, a empregada, limpando os quartos, e meu pai, fazendo uma ligação no escritório. Por isso eu não esperava o barulho de um carro cada vez mais perto até que estacionou bem em frente à minha casa. Encostei a vassoura na parede, coloquei as mãos na cintura e esperei o motorista dar a volta e se aproximar. Porém, não estava preparada para aquilo: um homem alto, moreno, corpo atlético escondido por trás de uma

PERIGOSAS NACIONAIS

calça jeans agarrada às suas coxas grossas, uma camisa xadrez que evidenciava seus músculos, cabelos pretos jogados de lado e óculos escuros que escondiam a cor dos seus olhos, mas combinavam com seu rosto másculo e quadrado.

— Bom dia! — saudou-me, abrindo um sorriso lindo de comercial de pasta de dente e tirando os óculos escuros para mostrar lindos olhos castanhos por trás deles.

— Bom dia — cumprimentei, tentando me recuperar daquela visão estonteante.

— Sou William, agrônomo que veio cuidar da praga nas macieiras — explicou estendendo a mão para me cumprimentar.

— Sou Branca — respondi apertando sua mão, e meu corpo todo se arrepiou no mesmo instante.

— Branca de Neve, como no conto de fadas? — questionou arqueando as sobrancelhas entre expectativa e deboche.

— Não, é só um apelido, meu nome verdadeiro é Raquel — expliquei sem graça.

— Bem melhor — resmungou olhando atrás de mim. Virei-me na direção em que ele olhava e vi meu pai se aproximando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os dois se cumprimentaram e caminharam juntos para dentro da casa, enquanto permaneci parada na varanda, com as pernas trêmulas, o coração batendo freneticamente e as mãos suando.

Que homem é esse?, pensei me escorando na parede.

PERIGOSAS ACHERON



*Estavam ligados por alguma força
estranha e poderosa.
– Branca de Neve e o caçador*

QUANDO SENTI QUE minhas pernas me obedeciam novamente, caminhei devagar atravessando os cômodos em direção ao meu quarto. Sentei-me na cama e olhei para o espelho

PERIGOSAS ACHERON

enorme que tinha na penteadeira. Parecia coisa de gente velha, mas eu adoro antiguidades e fiz questão de decorar meu quarto com elas: um guarda-roupa antigo de madeira, uma cama com dossel e a minha penteadeira de madeira rústica. Ao olhar meu reflexo, arrependi-me de não estar arrumada quando encontrei o agrônomo gato à porta da minha casa. Meus cabelos pretos estavam, como sempre, amarrados num rabo de cavalo, eu usava um short jeans surrado e uma blusinha vermelha que tivera dias melhores. Minha pele estava suada, e meus olhos castanhos me fitavam decepcionados de volta.

— Como ele ia olhar pra mim desse jeito? — questionei em voz alta.

Decidi tomar um banho rápido e vestir uma das minhas melhores roupas. Depois disso, escovei meus cabelos e, quando apareci na cozinha procurando pelo nosso convidado, só encontrei minha mãe.

— Não sabia que ia sair hoje... — comentou surpresa.

— E não vou, só decidi tomar um banho antes do almoço — declarei disfarçando meu nervosismo.

— Então por que colocou sua melhor roupa?
— questionou se virando para esperar minha resposta.

— Não é a minha melhor roupa; a compramos no mês passado, e eu já usei muitas vezes esse vestido jeans.

— Se quer usar roupa nova em casa, não me importo, mas não minta pra mim — pediu voltando a olhar a comida no fogão.

— Quantas vezes preciso dizer que essa roupa não é nova? — Bufei impaciente, e, para meu alívio, minha mãe não questionou mais uma vez, decidiu ignorar. Fiquei por ali, ajudando-a com a comida. Todavia, tomei bastante cuidado para não sujar meu vestido.

Quando terminei de colocar a mesa, meu pai apareceu à porta da sala de jantar com o agrônomo ao seu lado. Olhei com curiosidade para aquele homem lindo que estava a poucos metros de mim e suspirei. Isso mesmo, eu suspirei igualzinho àquelas meninas apaixonadas.

— Querida, esse é o William. Ele veio para cuidar da praga que está tomando conta da minha plantação — explicou papai, afastando-se para deixar o rapaz bem à minha frente. — Essa é minha

filha.

— Já nos conhecemos. Não é Branca — ou Raquel — o seu nome? — indagou estendendo a mão para me cumprimentar pela segunda vez no mesmo dia, e senti o mesmo calafrio de antes.

— S-sim — gaguejei nervosa.

— Vamos nos sentar para almoçar? — pediu meu pai, interrompendo nossa troca de olhares.

— Claro, Seu Alfredo, e espero não atrapalhar — ele comentou desviando os olhos de mim.

— Não atrapalha em nada, pode ficar à vontade. Além disso, você é o meu convidado, faço questão — argumentou papai, servindo-se da macarronada e do frango frito que mamãe preparara para nosso almoço.

— A comida está tão cheirosa que eu não conseguiria recusar seu convite — respondeu William, empolgado, servindo-se em seguida.

— E não deve, estamos a alguns quilômetros da cidade e não queremos deixar nosso convidado ir embora com a barriga vazia — emendou minha mãe, aparecendo de repente. Meu pai os apresentou.

— Obrigado, dona Carmem, mas já estou acostumado a almoçar tarde.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe com isso, apenas coma — pediu meu pai.

O rapaz sorriu encabulado e começou a devorar seu prato de comida. Permanecemos em silêncio, enquanto o barulho dos talheres batendo nos pratos de porcelana era o único som no ambiente.

— Você vai ficar aqui enquanto resolvemos a situação da praga — comunicou papai olhando para seu convidado.

— Não quero perturbar. Pretendo ir a um hotel assim que me despedir de vocês — alertou ao terminar de comer seu macarrão.

— Por favor, não faça isso. Será nosso convidado pelo tempo que for preciso — complementou minha mãe, solícita.

— Temos bastante espaço e um quarto de hóspedes vazio — completou meu pai.

— Ainda não acho certo, mas não quero ser rude recusando uma oferta tão generosa como essa. Vou ficar, até porque serão apenas alguns dias. Assim que resolver o problema da plantação, vou embora.

— Então está decido — afirmou papai, voltando para o seu prato de macarrão.

PERIGOSAS ACHERON

Depois do almoço, minha mãe me pediu para acompanhar o William até o quarto de hóspedes e lhe mostrar o restante da casa. Caminhamos lado a lado pelo corredor até a última porta. Abri-a com cuidado, depois entrei no quarto e esperei que ele fizesse o mesmo. Assim que entrou, observou a cama de casal, a cômoda enorme em um canto, as mesinhas posicionadas em ambos os lados da cama e a janela enorme aberta para arejar o cômodo.

— Espero que goste. Se eu puder fazer alguma coisa para se sentir mais à vontade, pode falar — ofereci olhando para os seus olhos castanhos, que, ante a claridade que vinha da janela, notei que tinham um tom esverdeado. Estremeci.

— Não precisa, o quarto está ótimo — respondeu deixando sua mala no chão. Olhou em volta novamente e descansou os olhos em mim. Eu não sabia o que esperar daquela troca de olhares, mas estava gostando do flerte e não queria sair dali tão cedo. No entanto, não podia postergar mais minha saída.

— Então vou indo. Nos vemos mais tarde. Se precisar de alguma coisa, é só chamar, o meu quarto fica ao lado do seu — respondi, ficando vermelha de vergonha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Virei as costas para ele e caminhei devagar até a porta. Senti que ele me observava, mas, apesar da vontade, não me virei para confirmar minha suspeita; não saberia o que fazer se ele estivesse me encarando de volta. Quando cheguei ao meu quarto, caí na cama e suspirei encantada. Sabia que era bobagem minha e mais um flerte inocente, pois ele jamais daria bola para mim, devia achar graça de mais uma pirralha apaixonada por ele.

Esperei na cama até o horário combinado para encontrar a Clara no balanço. Saí de fininho para a minha mãe não perceber e corri assim que me afastei da casa.

— Você não vai acreditar no que aconteceu — murmurei me encostando ao tronco do ipê, deslumbrada.

— O quê? — inquiriu minha amiga, no balanço.

— Temos um hóspede!

— Não acho que seja uma notícia tão incrível assim — debochou.

— Pode não ser pra você, que ainda não o viu. — Refleti por um momento, pensando naquele corpo, naqueles olhos... enfim, tudo naquele homem era perfeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê? Ele é bonito?

— Não apenas bonito; ele é o homem mais lindo que já vi! — completei empolgada.

— Mais bonito que o Guilherme? — indagou surpresa, saindo do balanço e se sentando ao meu lado debaixo do ipê. Clara era apaixonada pelo meu irmão, mesmo sem ele nunca ter dado bola a ela.

— Com certeza! Guilherme é bonito, sei disso, mas William é encantador, charmoso, seguro, sexy, tem os olhos mais lindos que já vi na vida — murmurei, deitando-me no chão e observando as folhas do ipê balançarem com o vento.

— Parece que ele já ganhou uma admiradora — comentou minha amiga, deitando-se ao meu lado.

— Não consigo tirá-lo da minha cabeça desde que o vi essa manhã.

— O que ele veio fazer na fazenda?

— É agrônomo e veio cuidar da praga nas maçãs. Meu pai, todo solícito, o convidou para ficar na nossa casa.

— Seu pai não tem noção do que acabou de fazer — afirmou com um olhar de desconfiança na minha direção.

— Não sei, ele é bem mais velho, um homem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de verdade e não se parece em nada com os moleques que conhecemos na escola.

— Você acha que ele é casado?

— Acho que não, verifiquei suas mãos duas vezes, e nada de alianças.

— Mas ele pode ter uma namorada, não é?

— Pode, sim — resmunguei chateada.

— Não vá com tanta sede ao pote — pediu já sabendo que era impossível frear meus sentimentos. Ela me conhecia muito bem. Sempre vivia ao extremo, e então não seria diferente.



Os dias passaram devagar com a presença do nosso convidado na minha casa. Tive de disfarçar meus sentimentos para não alertar meus pais e, principalmente, meus irmãos, tanto que passei a me sentar longe dele na mesa de jantar. Se eles desconfiassem de algo, mandariam o rapaz para um hotel na mesma hora. Não consegui ficar sozinha com William depois daquele dia no quarto, por isso nossa interação era nula.

A praga nas macieiras era mais complicada que o previsto, e ele precisou ficar mais uma PERIGOSAS ACHERON

semana. Meu pai que me perdoasse, mas eu agradeci aos céus por ter mais tempo com William, mesmo de longe. Enquanto todos ficavam empolgados com os pratos deliciosos da mamãe, eu o observava, admirava e alimentava aquele sentimento estranho que parecia só aumentar. Meu pai e meus irmãos estavam tão preocupados com a plantação que não percebiam meus olhares para o nosso hóspede. Eu pensava que nem ele notava; com certeza, iria embora sem saber que eu estava apaixonada por ele. Cheguei a essa conclusão depois que a Clara apareceu de repente para almoçar conosco e ficou de boca aberta ao ver nosso convidado pela primeira vez.

— Se você não estivesse caidinha por ele, eu pegava — comentou quando corremos ao meu quarto para fofocar.

Depois que nos despedimos, fiquei horas pensando nessa frase e cheguei à conclusão de que ela estava certa. Eu estava apaixonada pelo William. Não sabia o que fazer com aquele sentimento, mas ele existia, e eu não podia mais negar. Tentei parar de observá-lo de longe, talvez ignorar sua presença, parar de estremecer ao som da sua voz rouca, mas era impossível. Eu estava

perdida, sem qualquer chance de conseguir o que meu coração tanto ansiava. Não era fácil sofrer calada. Para completar a situação, Clara voltou para a casa dos pais na cidade e me deixou sozinha com meus pensamentos conflituosos e sem ninguém para desabafar.

A alguns quilômetros da minha casa, tinha uma cachoeira. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto na vida, e eu sempre ia lá quando queria pensar. Por isso, certa manhã, depois de fazer minhas tarefas do dia, caminhei pela trilha, que conhecia tão bem. Fazia um calor absurdo para aquela hora do dia, mas não me importei com isso.

Ao escutar o barulho da água deslizando pelas pedras, aumentei os passos e, já no finalzinho, corri. Só parei quando fiquei de frente para a água cristalina. Tirei as sandálias e mergulhei meus pés na água. O conforto foi imediato. Porém, ainda não era suficiente. Eu não havia trazido roupa de banho, e o vestido que eu usava não permitia o uso de sutiã. Entretanto, o lugar era tranquilo, e ninguém, além da nossa família, vinha para a cachoeira naquele horário. Por isso não me preocupei em tirar o vestido e ficar só de calcinha para entrar na água; eu fazia isso desde que aprendera a nadar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*Lembre-se de que você é a única pessoa que pode
preencher meu mundo com sol
– Branca de Neve e os sete anões*

MERGULHEI NA ÁGUA gelada para tentar
refrescar meus pensamentos, mas não adiantou
muito. Continuava pensando no William e no seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo pecaminoso, que nunca seria meu. Encostei-me a uma das pedras da cascata, fechei meus olhos e deixei a água massagear meu corpo, não foi suficiente; na verdade, eu queria as mãos dele em mim. *Impossível, eu sei*, pensei.

Quase no fim da tarde, voltei para a margem, onde tinha deixado minha roupa. Coloquei o vestido com o corpo ainda molhado, torci os cabelos para tirar o excesso de água e estava em busca das minhas sandálias quando me assustei ao escutar uma voz.

— Não acha perigoso nadar sozinha aqui? — questionou William aparecendo de repente à minha frente. Paralisei, sem saber o que fazer. Abri a boca para responder, mas não consegui; a voz não saía.

Ele ficou me observando por um tempo, na certa esperando minha resposta. Umedeceu os lábios com a língua. Seus olhos se tornaram nublados, e ele se mexeu, impaciente.

— Não, sempre nado aqui — respondi sem tirar os olhos do seu rosto.

— Sem roupa? — perguntou apontando para o meu vestido molhado.

— Como sabe que eu estava sem roupa? — indaguei confusa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu vestido está molhado somente em alguns lugares, por isso imaginei que não tinha entrado na água com ele — explicou depois de pigarrear para clarear a voz.

— Tem razão, não entrei na água com ele — respondi desviando meu olhar; era impossível encará-lo por mais tempo.

— Acho que vou embora, não quero atrapalhar você — comentou sem jeito, passando as mãos no cabelo, mas, em vez de se afastar, ele se aproximou mais de mim.

— Você não atrapalha — disse seduzida pelos movimentos dos seus lábios.

— Tem certeza? — inquiriu mais perto.

— Tenho — confirmei mexendo os lábios, mas não consegui emitir qualquer som.

— Você não sai da minha cabeça desde que a vi no primeiro dia em que cheguei aqui — confessou subitamente, surpreendendo-me.

— Nem você da minha — acrescentei sentindo o seu perfume cítrico e forte.

— Não podemos fazer isso — resmungou franzindo o cenho como se sentisse dor.

— O quê?

— Por favor, não finja que não sente essa

PERIGOSAS ACHERON

linha invisível que está nos puxando desde que nos conhecemos.

— Não estou fingindo, sei o que estou sentindo.

— E sabe que é errado?

— Por quê? Você é casado, tem namorada ou algo parecido?

— Não... quer dizer, sou recém-divorciado e não quero nenhum tipo de relacionamento agora, ainda mais com uma garota jovem como você.

— Obrigada pelo aviso, vou manter distância na próxima vez em que nos encontramos e sugiro que faça o mesmo. — Bufeí irritada. Esbarrei nele quando passei apressada para sair dali, e meu corpo traidor se arrepiou ao sentir seus músculos.

Peguei minhas sandálias e corri o máximo que pude pela trilha de volta para a minha casa. No caminho, algumas lágrimas desciam pelo meu rosto. Funguei para as afugentar, mas não as impedi de saírem. Já tinha sido rejeitada outras vezes. Por causa dos meus irmãos, os garotos tinham medo de se aproximar de mim. No entanto, nunca doera assim. Eu não gostava dos garotos da escola como gostava do William. Apesar do pouco tempo em que eu o conhecia, ele conseguira entrar no meu

coração de um jeito que eu não conseguia mais tirá-lo de lá.

— Pena que esse amor não é correspondido — lamentei de frente para o espelho no meu quarto. Eu estava uma bagunça, cabelos molhados e despenteados pelo vento, vestido encharcado e olhos marejados, parecia uma garotinha indefesa que perdera o brinquedo favorito. Talvez fosse por isso que ele não dera bola para mim. Nenhum homem feito daria.

Se antes era impossível esquecê-lo, depois que fui rejeitada se tornou bem pior. Tentei esquecer que ele confessara que estava atraído por mim, mas, conforme os dias passavam, era só nisso que eu conseguia pensar. Fiquei tão distraída que não me lembrava de ajudar nas tarefas de casa, e minha mãe estava sempre chamando a minha atenção.

Passei a não querer jantar na mesa com minha família. Inventei cólicas como desculpa por duas noites. Todavia, na terceira não tive escapatória; tive que ir, e, para o meu azar, sentei-me de frente para William. Era inevitável levantar meu olhar e não o ver, não observar o quanto ele ficava mais bonito a cada dia, ou como ele passou a me olhar de volta todas as vezes em que olhei na sua direção.

— Alguma ideia do que fazer para acabar com esses malditos fungos? — perguntou meu pai, interrompendo nossa troca de olhares.

— Ainda estou pesquisando, Seu Alfredo; assim que descobrir a outra praga que se uniu ao oídio, saberei o que fazer — desviou os olhos de mim para responder ao meu pai.

— Não demore muito, caso contrário, minha colheita será prejudicada. Estamos a dois meses da primeira colheita, e duas pragas como essas afetarão a minha produção de mais de treze mil macieiras.

— Isso não vai acontecer. Já enviei amostras para o laboratório; amanhã tenho a confirmação de que preciso para resolver seu problema.

— Obrigado, sabe que eu tenho pressa — resmungou papai, mordendo com gosto a carne de panela que a mamãe preparara para o jantar.

— Sei, vou resolver tudo amanhã e, quem sabe, partir à noite — respondeu, surpreendendo-nos.

Meus irmãos, que estavam conversando, pararam a conversa, e meu pai engoliu a carne com pressa para falar. Eu fiquei paralisada com o garfo encostado à boca, sem conseguir comer. Meu

estômago se fechou em repulsa àquela informação; se ele fosse embora dali, eu nunca mais sentiria seu perfume, admiraria seus lábios, olharia para seu corpo forte e me sentiria segura, mesmo não estando no calor dos seus braços.

— Não precisa sair daqui correndo. Resolva essa praga rápido, porém, não vá embora como se fosse expulso da minha casa. Fique aqui o tempo que for preciso — pediu meu pai, preocupado.

— Meu marido está certo, não pode viajar a noite toda até a capital como se tivesse alguém no seu encalço — acrescentou minha mãe, abrindo um sorriso simpático.

— Assim que resolver o problema, posso voltar para casa no dia seguinte, se preferirem, mas preciso voltar — explicou William.

— Parem de encher o rapaz, na certa a namorada dele está esperando seu retorno — comentou Gabriel, intrometendo-se na conversa pela primeira vez.

— É isso mesmo, William? — indagou minha mãe curiosa. Se eu pudesse tampar os ouvidos para não ouvir sua resposta, eu o faria. No entanto, era impossível fazer isso sem chamar atenção de todos à mesa. Por isso ouvi quando ele engoliu em seco e

respondeu:

— Algo parecido com isso, dona Carmem.

— Estão vendo? Agora que sabem disso, deixem o cara em paz e parem de perturbá-lo — pediu Vitor, tentando encerrar a conversa.

— Eu concordo, e vamos voltar para a comida, que está esfriando — declarou Rodrigo.

Quando terminamos o jantar, meu pai foi para a varanda com o William e o Gabriel, enquanto o resto de nós colocava a sala de jantar e a cozinha em ordem. Como nos revezamos, terminamos cedo, e todos, exceto eu, rumaram para a varanda também. Eu não sabia o que fazer. Podia ir até a varanda e observar a conversa deles ou me trancar no quarto e dormir; não fiz nenhuma das duas coisas, todavia. Saí de fininho pela porta da cozinha e fui até o meu balanço. As luzes que identificavam o caminho estavam acesas, e a lua cheia se encarregava de iluminar o resto.

Sentei-me no balanço, olhei para as estrelas brilhando no céu e me lembrei da história que minha avó sempre contava para mim antes de dormir, o conto de fadas *Branca de Neve e os sete anões*. Não importava quantas vezes ela já tinha me contado essa história, sempre que eu encostava

minha cabeça no travesseiro, era ela que eu queria ouvir. Minha avó morrera alguns anos antes; depois disso, eu nunca mais quisera ouvir o conto, pois decidira que ninguém tinha o direito de tomar o lugar dela na minha vida. O mais legal era que minha avó contara tantas vezes a história original que se cansara e passara a inventar outras aventuras para a Branca de Neve, em que ela derrotava o caçador, matava feras enormes, defendia criancinhas do perigo, nadava nas costas de uma baleia em alto-mar. Enfim, minha avó era criativa, e sua mente viajava para contar sempre as melhores histórias. Foi ela que me deu o apelido Branca, quando eu ainda era uma garotinha.

— Por que está fugindo de mim? — perguntou William às minhas costas, segurando as duas cordas do balanço.

— Não estou fugindo — respondi nervosa. Não sabia que ele estava ali e não queria sentir a sua rejeição novamente.

— Parece — afirmou, empurrando o balanço devagar.

— Mas não é, só estou longe de você, como me pediu naquele dia na cachoeira.

— Não pedi nada a você naquele dia —

resmungou chateado, segurando o balanço mais perto do seu corpo. Minhas costas ficaram pressionadas no seu peito. Senti seu cheiro tão próximo que fechei meus olhos para apreciar o aroma.

— Disse que não queria ficar comigo — lembrei-lhe, ainda sentindo as marcas da rejeição em meu peito.

— Não disse que não queria; falei que não podia — tentou explicar.

— Qual é a diferença? — inquiri chateada, querendo correr logo dali.

— Eu quero você, mas não posso ceder a esse desejo insano que sinto toda vez em que estamos perto assim — sussurrou no meu ouvido.

— Por que não?

— Sou um homem, enquanto você é uma adolescente. Fui contratado pelo seu pai. Seus irmãos cuidam de você como se fossem gaviões vigiando a comida. Não sabe como foi difícil segui-la até aqui, tive que inventar tantas desculpas para dormir mais cedo — explicou com os punhos cerrados nas cordas do balanço.

— Eu sei disso, mas, se você me quer, nada deveria te impedir de ficar comigo! — exclamei

impaciente.

— É difícil... — murmurou, cheirando meu pescoço.

— Não acredito que você me queira de verdade... — sussurrei, em dúvida dos seus sentimentos.

William soltou as cordas do balanço e segurou minha cintura por trás. Encostou nossos corpos ainda mais, de uma maneira que me fez sentir cada músculo de seu tronco definido pressionado nas minhas costas e beijou minha nuca.

Eu não queria sentir aquela avalanche de sentimentos que ele despertara em mim apenas com seus lábios na minha pele. Era difícil não pedir mais, não exigir mais e, por fim, não ceder àquele desejo latente que parecia me queimar aos poucos.

— Parece que eu não quero você agora? — questionou baixinho no meu ouvido.

— N-não — gaguejei ao responder enquanto ele girava o balanço para que eu ficasse de frente para ele.

— Não suporto mais apenas imaginar o gosto dos seus lábios tão vermelhos e suculentos...

— Prove-os — convidei sem me importar com mais nada. Sabia que aquilo teria consequência,

mas não era isso que me impediria de ser beijada pela primeira vez.

Ele se posicionou entre as minhas pernas, segurou meu rosto entre as mãos e se aproximou mais um pouco.

— Tem certeza? — sussurrou, abaixando-se para encontrar meus lábios sedentos pelo seu toque. Havia sido para ele que eu me guardara todo aquele tempo. Meu primeiro beijo não seria um selinho com qualquer garoto, só para dizer que beijei, seria mais do que imaginara e iria lembrar daquele momento para sempre.

— Branca! — gritou minha mãe, interrompendo-nos no momento exato em que seus lábios abocanhariam os meus. Cheguei a sentir o gosto deles na minha boca, mas era imaginação minha. No instante em que mamãe se aproximou, William correu a se esconder atrás do ipê. — O que está fazendo sozinha aqui a essa hora?! — indagou brava, com as mãos na cintura.

— Nada, só queria me balançar um pouco — respondi, frustrada.

— Não pode vir aqui à noite, seus irmãos e seu pai estão loucos atrás de você — admoestou, puxando-me para segui-la mesmo contra a minha

vontade.

Olhei para trás, tentando ver o William, mas já estava longe do ipê, e as sombras da noite encobriam seu corpo. Assim que cheguei a casa, levei uma bronca dos meus irmãos e do meu pai. Falaram tanto no meu ouvido que fiquei mais irritada ainda. Bati a porta do meu quarto e entrei furiosa, jogando-me na cama. Não chorei dessa vez, estava muito nervosa para deixar as lágrimas caírem, nem queria dar essa satisfação a eles.



*Se Branca de Neve não tivesse mordido a maçã,
ela não teria beijado o príncipe
– Sandro Kretus*

ACORDEI NA MANHÃ seguinte com receio
de encarar o William. Ajudei minha mãe com a
mesa do café da manhã e depois tentei escapar da
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

refeição. Porém, não consegui; ela insistiu, e tive de me sentar à mesa junto com ela, meus irmãos e meu pai. A conversa estava animada, e quase me esqueci de que ainda faltava alguém.

— Desculpem a demora, perdi a hora — comentou William aparecendo na sala de jantar.

— Não se preocupe, começamos a comer agora — informou mamãe, indicando uma cadeira para ele.

— Bom dia! — cumprimentou ao se sentar.

— Bom dia! — respondemos em uníssono.

Eu tentei não olhar para ele, mas era difícil. Cada vez mais, eu acreditava que aquela corda invisível que ele citara no outro dia existia de verdade.

— Esse bolo de fubá está maravilhoso — elogiou, servindo-se de mais um pedaço.

— Minha esposa tem mãos de fada na cozinha, por isso estou desse jeito — murmurou papai passando a mão na barriga saliente e tirando gargalhadas nossas.

— Ainda bem que malho todos os dias para manter esse tanquinho — declarou Vítor, comendo sua terceira fatia de bolo. Meu irmão não descuidava do físico por nada.

PERIGOSAS ACHERON

Aos poucos a comida foi acabando, e os meus irmãos foram os primeiros a deixarem a mesa. Meu pai e William saíram juntos logo depois. Fiquei na casa para ajudar mamãe. Levei a louça suja para a pia da cozinha e, quando estava voltando, fui surpreendida por ela.

— O agrônomo esqueceu o celular — comentou olhando para o aparelho, que não parava de vibrar em cima da mesa.

— Podemos deixá-lo aqui e esperar ele voltar — falei pegando o aparelho e o guardando no armário de louças.

— Ele vai demorar, e se precisar do telefone? — indagou preocupada.

— Vamos esperar um pouco; se ele não voltar logo, podemos mandar alguém levá-lo para ele.

— É um celular caro, filha, não podemos dar na mão de qualquer pessoa.

— Eu posso levá-lo até as macieiras, mãe — disse por fim.

— É melhor mesmo — anunciou, saindo da sala, e só assim consegui respirar aliviada. Eu enganara a minha mãe e não estava contente com isso, mas, se ela percebesse que eu queria muito entregar o telefone para o William, jamais me

deixaria ir até o pomar procurá-lo.

Passei a manhã toda ajudando mamãe e, quando terminei, estava quase na hora do almoço. Papai apareceu na cozinha de surpresa, dizendo que William tinha ficado no pomar e não voltaria tão cedo. Esperei para almoçar com minha família, esforcei-me para parecer serena enquanto meu pai se lamentava por causa das pragas que assolavam sua plantação. No entanto, por dentro, eu estava em plena ebulição.

— O que vou dizer a ele? — indaguei retoricamente para o meu reflexo no espelho de meu quarto, depois de ter me despedido da mamãe na cozinha. Meu pai havia ido à cidade, e eu estava livre para encontrar William no lugar onde ficavam as macieiras.

Coloquei um short jeans e uma blusinha tomara que caia com botões na frente. Queria vestir outra roupa, mas não podia me arrumar muito; minha mãe desconfiaria. Amarrei meus cabelos num coque frouxo, que soltei no caminho, e ainda passei um brilho labial que levava no bolso. Estava tão ansiosa para ficar sozinha com William que cheguei a correr em alguns trechos do caminho.

Assim que vi as primeiras macieiras

despontando no horizonte, algumas carregadas de maçãs, outras floridas, sorri animada. Agora só precisava encontrá-lo. Sabia mais ou menos onde procurá-lo, mas fiquei desanimada ao caminhar pela plantação e não ver ninguém. Quase desisti, mas fiquei paralisada ao ver o William deitado sem camisa embaixo de uma macieira.

— Desculpe atrapalhar seu descanso — falei, tentando me recuperar daquela visão. Ele estava com o abdômen definido à mostra, seus braços fortes apoiados na cabeça. Era uma visão e tanto.

— Não está atrapalhando — afirmou, levantando-se para ficar de frente para mim.

— Eu só vim entregar o seu celular — informei, entregando-lhe o aparelho. Ficamos nos encarando por um tempo. Torci as mãos, nervosa, e abaixei meu olhar para não continuar olhando para os gominhos do seu abdômen perfeito.

— Não precisava vir até aqui só pra trazer meu telefone — comentou colocando o aparelho no bolso detrás do jeans.

— Achei que você precisava — disse, dando de ombros.

— Não é do celular que eu preciso. Na verdade, eu estava pensando em você — revelou se

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximando de mim. Descansou uma das mãos na minha cintura, enquanto os dedos da outra acariciavam meus lábios.

— No que você estava pensando?

— No beijo que não consegui dar ontem à noite — respondeu, puxando-me para mais perto.

— Você pode dar agora — sussurrei encarando seus olhos, que mudavam de cor de acordo com seu humor. Naquele instante, estavam verdes como as folhas das macieiras.

William encostou seus lábios na minha boca devagar. Senti sua maciez na minha língua, seus dentes mordiscando meu lábio. Segurei seu cabelo e o puxei para aplacar algo que eu não conseguia nomear. Sua língua explorou minha boca. Eu não sabia bem o que fazer, por isso agi por instinto e deixei que ele tomasse a iniciativa.

Aos poucos começamos a nos mover, e, quando percebi, estava deitada em cima da camisa dele embaixo da macieira, mesmo lugar em que ele estivera deitado minutos antes. Suas mãos foram até as minhas pernas, minha barriga, exploraram meus seios por cima da blusa. Ele era um homem faminto, e meu corpo parecia a comida perfeita para saciar a sua fome.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você me deixa louco, sabia? — perguntou, tomando fôlego.

Suspirei depois de meu primeiro beijo.

— Você não sai da minha cabeça também, portanto, sei bem o que deve estar sentindo.

— Eu estava pensando em você, sonhando com seu corpo cheio de gotinhas de água, como eu vi naquele dia na cachoeira, e de repente você apareceu. Não consegui me controlar — explicou, beijando meus lábios mais uma vez.

— Esse é o melhor primeiro beijo de todos! — comentei empolgada.

— Você nunca tinha beijado ninguém antes de mim? — inquiriu, seu corpo se tornando mais tenso, uma expressão séria no rosto.

— Não, meu primeiro beijo foi com você — respondi feliz.

— O que eu estou fazendo? — indagou preocupado. Saiu de cima de mim e começou a andar de um lado para o outro com as mãos na cabeça.

— Nós nos beijamos, só isso. Não estrague esse momento, por favor — pedi, tentando acompanhar aquele vai e vem à minha frente.

— Você é virgem também? — perguntou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cauteloso, parando de andar para ouvir a minha resposta.

— Sou, mas não precisa se desesperar, não estou me guardando até o casamento. Só não apareceu o cara certo ainda.

— Você não entende! Tenho 30 anos, sou divorciado, não posso me envolver com você, tirar a sua virgindade como se fosse nada e depois partir. Não quero relacionamentos, estou fugindo deles, por isso vamos parar por aqui. Não se aproxime mais de mim — ordenou, afastando-se devagar de costas, depois se virou e desapareceu entre as macieiras.

Fiquei ali, imóvel, sem entender nada.

Demorei a chegar a casa. Caminhei devagar, tentando descobrir o que eu fizera de errado. Pensei:

Desde quando ser virgem é um pecado? Não acho que seja, muito menos um aviso de “não se aproxime”.

Eu estava chateada por ele me ter tratado daquele jeito. Não era para tanto, mas quem disse que meu coração tolo entendia? Seria tão simples se eu não gostasse tanto dele... só precisava esquecê-lo e pronto.

PERIGOSAS ACHERON

Ao entrar em casa, só então percebi que tinha trazido comigo a camisa de William. Fui ao meu quarto e a deixei sobre a cômoda. Entrei na cozinha e avistei minha mãe sentada à mesa tomando um café. Ela me olhou de cima a baixo e sorriu.

— Oi, mãe! Desculpe a demora, estava no balanço — menti, sem coragem de olhar nos seus olhos.

— Não tem problema, querida, estava aqui pensando na vida — respondeu, levando a xícara até a boca.

— No que estava pensando? — perguntei interessada. Sentei-me em frente a ela, peguei uma xícara e me servi do seu café.

— Nada importante, deixa pra lá. E você? Parece triste... — indagou me observando.

— Estou bem, mãe, só ansiosa com a faculdade — menti mais uma vez. Eu não costumava fazer isso. Sempre contava meus problemas para mamãe, mas agora era diferente, eu não sabia como me abrir e tinha certeza de que ela não aprovaria. Além disso, o que eu poderia contar? Acabara antes mesmo de acontecer...

— Sabe que pode mudar de ideia e ficar na fazenda se quiser? — questionou achando que meu

medo era ficar longe de casa, quando esse era o menor dos meus problemas. Desde que William chegara ali, eu não pensava em outra coisa senão nele. Não devia ser saudável. *Ainda bem que não seguimos adiante...* pensei. A quem eu estava enganando? No fundo, eu queria muito ter vivido aquela paixão.

— Não vou mudar de ideia, ainda quero estudar na capital — afirmei, voltando dos meus devaneios.

— Entendo. Estarei aqui; pode voltar quando precisar de um colo — falou acariciando minha mão com carinho. Ser a caçula tinha muitos benefícios, entre eles o colo da mamãe, mas eu não queria demonstrar fraqueza naquele dia. Eu era adulta, estava indo para a faculdade, não podia chorar porque um homem imbecil estava complicando a minha vida, mesmo que fosse difícil segurar as lágrimas.

— Vou ao meu quarto tomar um banho e volto logo — disse, deixando um beijo carinhoso no seu rosto.

Contudo, não voltei; inventei uma desculpa qualquer e fiquei deitada na minha cama. Sequer desci para jantar. Troquei algumas mensagens com

a Clarinha, mas não contei sobre o William. Era doloroso demais dizer a alguém que eu tinha sido rejeitada. Peguei um livro para ler. No entanto, não conseguia prestar atenção à história; tive que largá-lo num canto.

Sentei-me na cama, olhei para o espelho e murmurei impaciente:

— O que eu faço?

Ele não respondeu; claro que não o faria. Eu não sabia por que insistia em conversar com o espelho, não parecia um bom sinal. Entretanto, ele me acalmava, como se eu pudesse lhe dizer o que sinto de verdade sem receber nenhum julgamento por isso, um jeito de exteriorizar meus sentimentos. Porém, naquela noite, não estava funcionando; nada parecia funcionar... até que vi a camisa do William em cima da cômoda. Havia me esquecido dela.

Levantei-me e a peguei, trouxe-a ao rosto e senti seu perfume cítrico e forte. Tirei meu pijama e a vesti, deitei-me novamente e dormi feito uma pedra.

Abri os olhos no dia seguinte, ainda sentindo seu cheiro. Olhei para a camisa que usava e me assustei. Se minha mãe visse aquela peça de roupa

em meu corpo, eu estaria encrencada. Corri até o banheiro, tirei-a, tomei um banho e, quando voltei ao quarto e me olhei no espelho, estava me sentindo bem melhor. Escondi a camisa no fundo da última gaveta da cômoda e fui até a cozinha ajudar a minha mãe como fazia todas as manhãs.

Conversamos sobre coisas banais, tirei dois bolos do forno, ajudei com as broas de milho, pães de queijo e por fim sentei-me à mesa quando todos começaram a se acomodar para o café da manhã. Eu percebi quando o William chegou, mas não olhei para ele, ignorei o fio invisível que nos atraía, ignorei a vontade que tinha de perguntar por que ele não podia ficar comigo. Ignorei meu coração batendo frenético e tomei meu café da manhã. Às vezes conseguia perceber que ele estava me olhando, mas não olhava de volta para confirmar.

Durante o dia, foi difícil continuar o ignorando. Muitas vezes, quando ele não estava olhando, eu o espiava de longe.

Enfim chegaram os resultados dos testes nas macieiras, e descobriram que a plantação do meu pai tinha sido atingida por duas pragas: oídio e a sarna da maçã. Começaram a pulverizar os pés afetados, cortaram e queimaram aqueles para os

quais não tinha solução. Para todos os efeitos, as pragas estavam sendo controladas.

Assim se passou uma semana, durante a qual ignorei completamente o motivo das minhas insônias constantes. Não conversávamos, sequer ficávamos sozinhos no mesmo cômodo. Em breve, nunca mais nos veríamos, uma vez que William estava com os dias contados na fazenda. Ele decidiu acompanhar as macieiras por mais uma semana para verificar se as pragas não voltariam, como acontecera tantas vezes antes de ele chegar.

Naquela manhã, fiz tudo a que já estava acostumada. Nem olhei para ele e percebi quando deixou a sala depois de beber apenas uma xícara de café.

— Parece que o agrônomo não dormiu bem essa noite — comentou Gabriel ao ver William deixando a mesa mais cedo do que costumava fazê-lo.

— Ele deve estar de saco cheio de ficar nesse fim de mundo — emendou Vítor.

— Talvez, mas nada justifica deixar as broas de milho no prato — protestou Rodrigo, guloso como sempre.

— Deixem o homem em paz, ele trabalhou

PERIGOSAS NACIONAIS

duro para controlar aquelas pragas, deve estar cansado, só isso — interferiu meu pai.

— Acho que ele está com saudades de casa — anunciou minha mãe, surpreendendo-nos.

— Ou está com algum rabo de saia na fazenda, já ouvi algumas funcionárias da colheita comentando como ele é bonito — disse Rodrigo.

— Preciso sair, com licença — falei impaciente; não conseguia ouvir mais uma palavra.

PERIGOSAS ACHERON



*Embora ele esteja longe,
eu encontrarei meu amor algum dia,
o dia em que meus sonhos se tornarão realidade.
– Branca de Neve e os sete anões*

NÃO PERCEBI QUE eu corria até meus
joelhos fraquejarem e eu cair na grama macia bem

PERIGOSAS ACHERON

perto da cachoeira. Não chorei, mas não conseguia respirar direito. Encolhi as pernas e fiquei ali, tentando voltar a respirar, tentando entender por que me afetara tanto o que meu irmão dissera. Eu não tinha nada com o William e nunca teria, por que insistia em ficar deprimida por causa dele?

Tirei meus sapatos, desabotoei os botões do meu vestido e caí na água. Ainda estava gelada. Eu não costumava nadar de manhazinha assim, quando o sol ainda não tinha esquentado a água, mas precisava colocar a cabeça no lugar e só consegui pensar nisso.

Fechei meus olhos, tentei tirar tudo da minha cabeça. Nada era tão importante agora. Estava tão distraída que não percebi alguém se aproximando. Senti o cheiro peculiar de William, sua mão na minha cintura e abri os olhos.

— O que está fazendo aqui? — perguntei irritada. Ele tinha entrado na água e estava apenas de boxer.

— Não consigo mais ficar longe de você — respondeu fitando meus olhos, aflito.

— Só agora percebeu isso? Pena que é tarde demais — ralhei, tentando me afastar dele, mas seu aperto na minha cintura se intensificou, e não

consegui me mover.

— Sei disso desde o dia em que a deixei sozinha embaixo daquela macieira, mas fui covarde, entendo agora. Me perdoa?

— Perdoar?

— Sim, eu não devia ter fugido. Não suporto mais olhar pra você e não poder te tocar — explicou, passando o dedo indicador nos meus lábios. Estremeci no mesmo segundo.

— Tem certeza de que não vai se arrepender e sair correndo depois?

— Não vou a lugar nenhum — respondeu, devorando minha boca logo em seguida. Se eu soubesse que beijar era tão bom, não teria demorado tanto para experimentar. Sentir sua boca na minha era algo sublime. Seu toque no meu corpo, seus beijos no meu pescoço, nos meus seios me faziam perder a razão. Eu estava em desvantagem ali, e ele se aproveitou disso. Só não seguimos adiante porque estávamos na água e não tínhamos proteção. Seria algo estúpido para se fazer. Mesmo no calor do desejo, precisávamos pensar nas consequências.

Nossa relação finalmente desabrochou. Naquele dia, tive que disfarçar meus constantes

olhares apaixonados na direção dele, meus suspiros pela casa, caso contrário, minha família perceberia, e estaríamos perdidos. Mais tarde, à noite, deixei a porta do meu quarto aberta e recebi uma visita inesperada à madrugada.

— Não consigo para de pensar em você — sussurrou William no meu ouvido com a voz rouca de desejo. Abri meus olhos devagar, ainda sonolenta, e sorri ao vê-lo em cima de mim.

— O que está fazendo aqui? — indaguei me sentando na cama. Ele me olhou de cima a baixo e perguntou confuso:

— Você dorme com a minha camisa?

— Não todas as noites, só quando estou com saudades de você — respondi, esfregando meus olhos.

— Você acabou de tirar o resto de sanidade que ainda tinha em mim — murmurou, jogando-me na cama. Desabotoou os botões da camisa devagar, mirou meus seios e os abocanhou, depois foi descendo explorando meu corpo como ninguém jamais o fizera. Descobri um prazer com sua boca que não imaginava que existisse, mas não seguimos adiante pela segunda vez, não que eu não estivesse pronta. Estava mole e entregue nos seus braços, só

não aconteceu.

Passamos a combinar nossos encontros através de olhares. A cachoeira e o balanço eram os meus preferidos.



— Vou embora amanhã. As macieiras estão bem, não tenho mais desculpas para ficar aqui — William comentou passando a mão no meu cabelo com carinho.

Era manhã, e estávamos deitados embaixo do ipê, minha cabeça apoiada no seu peito nu, depois que tirei sua camiseta durante um amasso assim que eu o encontrara me esperando ali.

— Você não pode me deixar aqui — afirmei, beijando seus lábios.

— Não quero deixar você, mas não sei o que fazer...

— Me levar com você...?

— Seus pais nunca permitiriam — respondeu aflito.

— Tenho 18 anos, posso cuidar da minha vida.

— Claro que pode — explicou, voltando a me
PERIGOSAS ACHERON

beijar —, mas não irão aprovar nosso namoro. Sou divorciado e 12 anos mais velho que você, não sou o tipo de namorado que seus pais sonham para a única filha.

— Eles não podem decidir o que é melhor pra mim — respondi impaciente.

— Você é muito nova ainda, não sabe o que quer — disse franzindo o cenho.

— Não subestime meus sentimentos, eu sei muito bem o que quero! — Bufei irritada.

— O que você quer? — perguntou me puxando para olhar para ele.

— Eu quero ficar com você — respondi sem hesitar.

— Também quero ficar com você, não conseguiria ir embora e a deixar aqui. Mas não quero estragar sua vida, nem irritar sua família, eles foram tão gentis comigo. Por isso lutei tanto contra o que sentia por você. Não é justo enganá-los assim. Não sou esse tipo de homem, quero me sentar com seu pai e contar toda a verdade — desabafou, incomodado.

— Não podemos contar agora. Dentro de alguns meses, vamos morar na mesma cidade, podemos nos ver todos os dias e, depois de um

tempo, contamos para os meus pais.

— Tem certeza disso?

— Tenho. Agora me beija, que já estou com saudades — pedi, umedecendo os lábios em expectativa.

Passamos uma das melhores manhãs da minha vida. Eu me lembraria para sempre do carinho com que ele venerava meu corpo, sem pressa, com cuidado e a paciência que tinha quando me deixava tocá-lo da mesma forma. Embora eu ainda fosse virgem, estava descobrindo a sexualidade e cada vez mais não conseguia ficar afastada dele.

Combinamos um encontro à tarde no pomar. Passei horas me arrumando e saí escondida para não mentir mais uma vez para a minha mãe. Quando cheguei àquele mesmo lugar em que dera meu primeiro beijo, ele me esperava deitado só de jeans embaixo de uma das macieiras, sua camisa esticada ao seu lado, esperando por mim. Sorri animada ao me deitar perto dele.

— Você está linda — elogiou tirando meu cabelo da face.

— Obrigada — agradei, corando envergonhada.

— Não precisa ficar assim, estou falando a

verdade. Você é a garota mais linda que já vi, por isso não consegui resistir. Estou de quatro por você. Faria qualquer coisa que você pedisse.

— Qualquer coisa? — indaguei curiosa.

— Sim, por você eu faço qualquer coisa.

— Então me faça sua — pedi sem tirar os olhos dos seus.

— Aqui, agora? — questionou confuso.

— Sim. Vamos ficar dois meses separados, não posso esperar mais. Por favor — supliquei.

— Tem certeza?

— Nunca estive tão segura antes — respondi mantendo seu olhar.

— Você merece mais do que um chão duro embaixo de uma macieira — contestou, contrariado.

— Não importa o lugar, só quero você. William, só você importa pra mim — confessei, colocando meus braços em volta do seu pescoço.

— Sei disso, querida, porque sinto o mesmo. Ainda não acho que esse seja o melhor lugar, mas não consigo ouvir você me implorando para fazer algo que também desejo e não atender.

Eu sabia que aquele não era o melhor lugar, mas não podia esperar até a noite no meu quarto, eu

precisava ser sua naquele instante. Meu vestido facilitou muito seu trabalho. Aos poucos fiquei nua na sua frente. Seus lábios exploraram meu corpo como sempre faziam, lambendo, sugando os lugares certos, fazendo-me fechar os olhos com força e morder seu ombro para não gritar de prazer.

Sentei-me e beijei cada gominho do seu abdômen definido, descí minhas mãos pelo seu corpo e explorei com a boca os lugares que sabia que o deixavam louco. Até que ele me virou em cima da sua camiseta e do meu vestido, que serviram como lençóis, olhou-me mais uma vez, como se estivesse esperando mais uma confirmação minha, e eu o fiz, mexendo meus lábios e comprovando que não tinha mais volta. Realmente dessa vez não teve, ele foi até o fim. Senti a dor aguda, vi a aflição no interior dos seus olhos e depois descobri o prazer, sim, o prazer de saber que tinha feito a coisa certa ao esperar aquele momento, esperar o homem certo, o prazer que seu corpo colado ao meu me dava.

Ele ainda estava em cima de mim, beijando-me maravilhado quando ouvi os gritos. De repente, seu corpo foi puxado de cima do meu, e fiquei sozinha, tentando me cobrir com as roupas que

tinham ficado no chão.

— Não acredito que estava se aproveitando da minha filha! — gritou meu pai, empurrando William, que fechava o zíper do jeans e tentava explicar a situação.

— Você não vai explicar nada! — emendou Gabriel, indo para cima dele e distribuindo socos e mais socos no seu rosto. Comecei a gritar, pedi tanto que parassem, mas ninguém parecia me ouvir. Coloquei meu vestido de qualquer jeito e fui para cima do meu irmão para tentar afastá-lo do William, mas meu pai me impediu e me arrastou de volta para casa. Eu chorava, esperneava e dizia que a culpa era minha. No entanto, não adiantava.

Cheguei a casa aos prantos. Minha mãe correu para me abraçar, e caí chorando nos seus braços.

— Por favor, mãe, não deixe que eles o matem, a culpa foi minha! Ele não queria! Por favor, mãe! Por favor, mãe! — implorei desesperada.

— Ninguém vai matá-lo, minha filha — ela garantiu, olhando duro para o meu pai, que se afastou e voltou para o pomar.

Mamãe me levou até o meu quarto e me ajudou a tomar banho, porque eu estava cheia de

terra. Quando vesti meu roupão, ainda tinham lágrimas nos meus olhos. Ela estava sentada na minha cama, segurando uma xícara de chá de camomila. Somente quando bebi todo o líquido doce e quente fiquei mais calma para contar o que acontecera. Respirei fundo, tomando coragem. Teria começado se ela não tivesse me interrompido:

— Não precisa me contar nada, já sabia que algo assim estava acontecendo com você.

— Como? — indaguei confusa.

— Uma mãe conhece sua filha. Acompanhei de longe seus olhares admirados toda vez que o via entrando na sala, na cozinha, em qualquer lugar da casa. Percebi sua tristeza quando não foi correspondida e notei sua alegria quando começaram a se encontrar às escondidas.

— Se sabia de tudo, por que não me disse?

— Não era meu papel interferir. Sabia que seu pai não aprovaria, queria ajudar você. Porém, nunca se abriu pra mim.

— Tive medo, fui covarde, mas eu o amo, mãe — confessei angustiada. Parecia que tinha uma bola de ferro na minha garganta.

— Oh, minha criança, não sabia que era tão sério assim. Venha aqui — pediu, abraçando-me.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei ali, aconchegada nos seus braços e adormeci. Não havia apenas chá naquela xícara. Minha mãe estava preocupada comigo e me deu um calmante que me fez dormir a noite toda.

No dia seguinte, William tinha desaparecido. Não havia nada no quarto de hóspedes, suas roupas tinham sumido, sua caminhonete não estava na garagem, e ninguém sabia responder aonde ele tinha ido. Perguntei à minha mãe, e ela me garantiu que ele fora embora por vontade própria e com apenas um olho roxo. Implorei ao meu irmão, mas ele disse a mesma coisa. Meu pai não falava mais comigo desde que eu admitira que a culpa daquela situação era minha e não do William. Meus outros irmãos se lamentavam por não estar por perto para distribuir socos no seu rosto como Gabriel o fizera, e o clima na minha casa ficou insuportável.

Desesperada e sem saber o que fazer, chorei por horas sentada na varanda da minha casa, esperando que William aparecesse de repente, mas foi em vão. Não havia nenhum sinal dele em parte alguma, a não ser no meu coração partido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Alguns anos depois.

NÃO HAVIA SIDO fácil esquecer meu primeiro amor, ainda não sabia se o esquecera mesmo depois de anos longe dele. Segui em frente, fui para a faculdade, conheci novos amigos e tive alguns namorados. Porém, eu sempre os comparava

PERIGOSAS ACHERON

com o William, e eles sempre perdiam. Voltei poucas vezes à fazenda durante os anos do curso, não queria lembrar tudo que passara ali. Na cidade grande, era mais fácil fingir que nada acontecera.

Mesmo morando na mesma cidade que William, nunca nos encontramos durante todo o tempo em que eu estava ali. Tentei por diversas vezes procurar por ele, mas não consegui encontrá-lo. Ele saiu da empresa para a qual trabalhava, mudou de apartamento, e alguns amigos disseram que tinha até mudado de país.

Naquela semana, terminei as minhas últimas provas. Ainda não poderia pegar meu diploma, mas já me considerava formada. Por isso, eu e minhas companheiras de apartamento comemoraríamos naquela noite.

— Nunca vi você tão gata — comentou Lara, uma das garotas que morava comigo.

— Esta noite é especial, e quero me divertir — disse empolgada de frente para o espelho, o mesmo que tinha no meu quarto e fiz questão de trazê-lo comigo.

— Sério!? — exclamou sem acreditar, pois eu havia sido quase uma santa durante os anos em que morávamos juntas. Tinha ido a poucas festas,

correra dos *bad boys* da faculdade, só tivera dois namorados que mais pareciam meus amigos.

— É sério, cansei de bancar a santinha, vou ficar com o primeiro cara que aparecer na minha frente — falei decidida, enquanto ela aplaudia, rindo.

Era uma festa na casa de um cara que conhecia um dos nossos amigos da faculdade. Eu não fazia ideia de quem era. No entanto, a casa era legal, tinha piscina, estava lotada, havia muita bebida, e não me importei em saber do resto. Estava me despedindo da cidade. Em breve voltaria para a fazenda e queria me despedir com estilo.

Não economizei na bebida, experimentei tudo e, quase no fim da noite, ainda estava sozinha e angustiada, procurando um banheiro vazio. Tive que subir as escadas e procurar no andar de cima, uma vez que os que tinham embaixo estavam ocupados, e eu não aguentaria esperar. Entrei na primeira porta do corredor e suspirei ao constatar que estava destrancada. Passei direto pela suíte em busca de um banheiro.

Quando consegui me aliviar, olhei-me no espelho da pia e sorri. Apesar de meio bêbada, eu ainda estava bonita. Minha maquiagem continuava

intacta, meus cabelos estavam repicados e mais curtos do que eu costumava usar. O vestido preto com as costas nuas deixava à mostra um pedaço da maçã mordida que eu tinha tatuado no quadril. Sequei minhas mãos e saí do banheiro pronta para voltar a beber e encontrar um homem atraente para encerrar a minha noite. Todavia, parei, escorandome na porta ao ver aqueles olhos castanho-esverdeados que eu conhecia tão bem me olhando preocupado. William estava sentado na cama.

Fechei e abri tantas vezes meus olhos que fiquei tonta. Não era possível ele aparecer assim na minha vida, depois de tanto tempo sem nenhum sinal dele!

— Acho que bebi demais e estou vendo coisas — murmurei, esfregando os olhos.

— Você não está vendo coisas, sou eu — afirmou se levantando da cama e caminhando na minha direção.

— O que você faz aqui? — perguntei apreensiva. — Vamos, me diga! — implorei impaciente. Tomei um fôlego que não tinha e olhei para ele. Nada do que fizera até aquele dia me preparara para aquele momento. Tantas vezes eu sonhara em reencontrá-lo, abraçá-lo mais uma vez

PERIGOSAS NACIONAIS

e sentir seu cheiro gostoso. Porém, quando finalmente William estava à minha frente, eu não sabia o que fazer. Observei seus músculos, ainda maiores do que eu me lembrava, os olhos castanho-esverdeados, os cabelos pretos mais curtos, o semblante fechado. Ainda era o mesmo William que me fazia rolar na cama algumas noites durante aqueles longos anos.

— Moro aqui — respondeu, mostrando suas coisas no quarto.

— A casa é sua? — questionei, ainda tentando entender como nos encontráramos depois de tanto tempo.

— Sim.

— E por que não está lá embaixo se divertindo como os outros?

— Porque já me diverti o suficiente, queria ficar sozinho — respondeu fitando meus olhos.

Ao ouvir suas palavras, comecei a sair do seu quarto, mas ele me impediu antes mesmo de eu chegar à porta.

— Por favor, não vá agora — sussurrou, segurando na minha cintura como o fazia na fazenda. Gelei sob seu toque. Não esperava sentir o mesmo arrepio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê?

— Preciso conversar com você! — respondeu aflito.

— Não tenho nada pra falar. Não quero explicações agora; já as quis, mas esperei que você voltasse por tanto tempo que cansei.

— Você me esperou?

— Claro que esperei, seu idiota! O que imaginou que eu faria?!

— Não sei, achei que me esqueceria e seguiria com a sua vida.

— Como se nada tivesse acontecido, do mesmo jeito que fez? Não sou como você. Não consegui esquecer o melhor momento da minha vida — desabafei.

— Nem eu — lamentou, erguendo meu queixo para eu olhar para ele.

— Não entendo. Não deveria se lamentar, quando foi você quem causou meu sofrimento.

— Não fui eu. Fui espancado e expulso da fazenda naquele mesmo dia. Seus irmãos me jogaram na minha caminhonete e pediram para eu desaparecer, afirmando que, se eu voltasse, a surra seria maior. Tive que ir embora contra a minha vontade e nem consegui me despedir. Quando

PERIGOSAS ACHERON

descobri que você estava na cidade, fui até a sua faculdade e te observei de longe. Você estava tão linda e feliz, tinha um cara segurando sua mão, eu sabia que eram namorados. Não tinha o direito de bagunçar sua vida como fiz naquele verão. Por isso vendi meu apartamento, saí do emprego e fui fazer meu doutorado na Austrália. Voltei este ano para o Brasil.

— Você está mentindo? — questionei com lágrimas nos olhos.

— Não, pode perguntar para a sua família; creio que eles não irão mentir mais — falou chateado.

— É mentira, é mentira! — gritei, socando seu peito. Ele não revidou, muito pelo contrário, deixou-me bater no seu peito até que não aguentei mais, e eu teria caído no chão se ele não tivesse me segurado no colo. Encostei minha cabeça no seu ombro e chorei.

William se sentou na cama e esperou minha crise passar. Acariciou meu cabelo, segurou minha mão e esperou até que as lágrimas diminuíssem. Porém, meus questionamentos não haviam cessado.

— Por quê? Nunca namorei sério ninguém, jamais senti o que sentia quando estava com você.

Eu tentei, juro que tentei, mas não era a mesma coisa. Essa é a primeira festa a que vou durante os cinco anos em que estive na faculdade. Não consegui te esquecer, voltei poucas vezes para a fazenda, pois minha casa, a cachoeira, o balanço, tudo me fazia lembrar o que perdi e nunca mais poderia ter... Eu lutei tanto pra te esquecer, mas era impossível!

— Eu sinto muito, se soubesse que sofria tanto quanto eu, teria te procurado mais uma vez. Durante todos esses anos, achei que você tinha me esquecido.

— Você ainda gosta de mim? — indaguei cautelosa, com as mãos no seu rosto.

— Eu te amo, garota.

— Você me ama?

— Claro! Assim como você tentou me esquecer, eu também tentei. Mas é impossível tirar você do meu coração. Durante muito tempo, achei que o veneno da maçã tinha saído das macieiras e entrado no meu coração. Mas não foi isso que aconteceu, eu nunca estive envenenado. Sempre estive perdidamente apaixonado por você.

— E eu por você — respondi sorrindo.

Encarei seu rosto, de que tanto senti falta,

PERIGOSAS NACIONAIS

encostei minha boca na sua, e nos beijamos como na primeira vez. Seu gosto era o mesmo, e minhas pernas tremiam igualmente.

E, com aquele beijo, atravessamos a ponte que nos separara por tanto tempo. Reatamos os laços rompidos e nos amamos com a certeza de que nada mais poderia nos separar.

PERIGOSAS ACHERON



ALGUMAS IDEIAS SURGEM quando não esperamos e nem estamos preparados para elas, e a história deste conto surgiu assim, de repente, sem avisar, bastou-me ver uma imagem e pronto, ela estava toda ali na minha cabeça, esperando ser colocada no papel.

Este é o terceiro conto baseado em contos de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fadas. Adorei a ideia e pretendo fazer mais dois, por isso, esperem mais novidades por aí.

Devo acrescentar que coloquei algo pessoal e diferente nas princesas que criei, deixei-as fortes e decididas, assim como vejo tantas mulheres na vida real e do mesmo jeito que eu gostaria de ver outras tantas que ainda não conseguiram descobrir o poder que está dentro de cada uma de nós. Por isso, ousou deixar um recado: espero que essas histórias sirvam para vocês como serviram para mim; sejam fortes e lutem por tudo que quiserem.

Agora vamos aos agradecimentos. São tantos que vou tentar ser breve e, o mais importante, não esquecer ninguém.

Às minhas queridas amigas e companheiras de trabalho; sem elas; esse conto não chegaria até vocês. Obrigada, Laizy, pela diagramação impecável, e, Ana, pela revisão e seus comentários tão pertinentes; sem vocês, nada disso seria possível.

À minha filha Jennifer, por ser minha primeira leitora e nunca se cansar de ler minhas histórias, e à minha outra filha, Duda, por ser minha inspiração e companheira na hora de assistir aos filmes baseados em contos de fadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao meu marido, que amo tanto, e à sua paciência para dar o espaço que preciso para criar minhas histórias.

Por fim, às minhas alunas Lorena, Gabrielli e Isabella, que me ajudaram a melhorar este e os outros contos com suas sugestões.

E a você, meu leitor, que acompanha meus livros. Saiba que tem um lugar especial no meu coração para cada um.

Com carinho,
Cleia Lira

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON



CLEIA LIRA nasceu numa pequena cidade do interior de São Paulo chamada Arco-íris, porém, adotou Sumaré como sua cidade. Nela se casou e teve duas filhas. É professora e nas horas vagas lê. Na verdade, segundo seu marido, ela devora os livros. Esse é o seu vício, quando começa, não consegue parar mais. E foi assim que se tornou escritora, leu tanto que, um dia, procurou uma história diferente para ler e, como não achou, resolveu escrever. Alguns meses depois surgiu seu primeiro livro, *Sob sua proteção*.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON



Sob Sua Proteção

DISPONÍVEL EM FORMATO FÍSICO

[**COMPRE AQUI**](#)

[**Book trailer**](#)

SINOPSE

A jovem Mila tinha um sonho: ser bailarina! Mas para uma moradora do Morro do Alemão isso era quase impossível. Porém no seu aniversário de 18 anos ela conseguiu o que parecia o presente perfeito, mas transformou-se no seu pior pesadelo. Sua vida que já não era fácil ficou insuportável e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando se vê perdida, o jovem investigador da polícia federal, Nick entra em ação para protegê-la e o que era apenas uma missão, tornou-se sua razão de viver e agora ele será capaz de dar sua vida por ela.

PERIGOSAS ACHERON



Apenas uma vez

SÉRIE *OS GAROTOS DE JERSEY*, 1

DISPONÍVEL EM E-BOOK

[Amazon](#)

DISPONÍVEL EM FORMATO FÍSICO

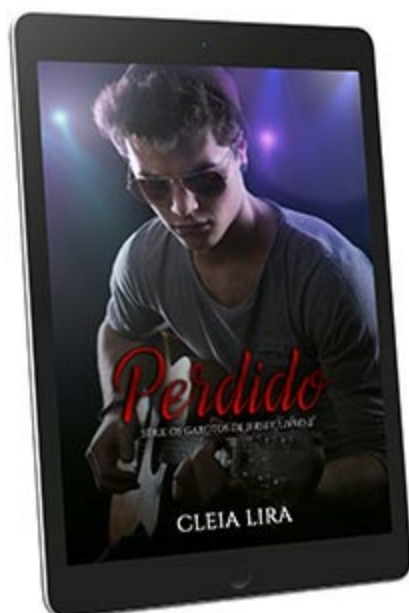
[COMPRE AQUI](#)

SINOPSE

Helena nunca cometeu um erro, nem se arriscou. Mas agora ela resolveu mudar e pelo menos uma vez, vai jogar tudo para o alto. Uma

PERIGOSAS ACHERON

viagem de formatura que prometia ser épica. Ela o conheceu na sua última noite em Vegas. O que era apenas uma noite se transformou em algo mais e ela acordou casada. Porém, nem imaginava que por trás daqueles lindos olhos azuis, estava o vocalista da banda de Rock mais famosa da atualidade. Ela pensou que nunca mais iria vê-lo novamente, mas o destino fez questão de mostrar o quanto ela estava errada.



Perdido

SÉRIE OS GAROTOS DE JERSEY, 2

DISPONÍVEL EM E-BOOK

[Amazon](#)

SINOPSE

O guitarrista da banda The Dangers acabou de encerrar mais uma turnê mundial, e, depois de dois anos convivendo com os loucos integrantes da banda, tudo o que ele quer é ficar sozinho. Até aí, tudo bem, exceto por um detalhe: durante os meses seguintes, ninguém sabe do seu paradeiro, pois se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontra longe dos holofotes da fama e num lugar onde suas fãs jamais iriam procurá-lo. Perdido e sem rumo, Jonas terá que enfrentar um grande obstáculo para continuar tocando.

Um romance em que o simples ato de respirar pode mudar uma história.

PERIGOSAS ACHERON



O despertar de um amor

DISPONÍVEL EM E-BOOK

[Amazon](#)

SINOPSE

O Despertar de um Amor, conta a história de uma jovem tão doce e delicada que se transformou numa guerreira no pior momento da sua vida. Existe um velho ditado popular que diz: “só sabemos a verdadeira força de uma pessoa, quando ela precisa enfrentar uma adversidade.” É

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exatamente nesse momento que vamos conhecer a Carol, estudante de Letras. Em 1971 ela encontrou seu primeiro amor, mas junto com ele vieram os conflitos, as lutas dos brasileiros, em especial as mulheres pela liberdade de expressão e o direito de ir e vir quando almejasse, durante a ditadura militar no Brasil. Esse conto é apenas um recorte desse momento tão importante da nossa história, mas sem dúvidas, vale a pena ler, suspirar, sorrir e chorar ao passar por cada página.

PERIGOSAS ACHERON



Despedaçados

DISPONÍVEL EM E-BOOK

[Amazon](#)

SINOPSE

Esse conto é a história de um recomeço, são duas pessoas fugindo dos seus problemas e daqueles que a machucaram para morar numa ilha, onde o vizinho mais próximo fica a milhas de distância. Como juntar os pedaços? Quando sua vida foi destruída não uma, mas duas vezes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O que eles têm em comum, além de sofrer uma perda? O Farol da ilha onde moram, foi desativado há muito tempo e deixou de ser o porto seguro dos navios que se perdiam no mar, para ser o local onde duas pessoas machucadas se encontram para recomeçar.

PERIGOSAS ACHERON



Entre amor & laço

DISPONÍVEL EM E-BOOK

[Amazon](#)

SINOPSE

Quando estava prestes a entrar na faculdade, Laís teve uma grande mudança na sua vida. A garota da cidade agora morava na fazenda. A sua rotina e amizades mudaram, mesmo sem a sua permissão. Essa temporada na casa da sua tia promete muitas surpresas e aventuras, uma delas é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um certo peão de rodeio que deixa todas as garotas apaixonadas por ele, mas que, por um capricho do destino, é um dos seus primos. Enquanto um é proibido, o outro só quer saber de conquistá-la. Dividida entre dois amores, nossa protagonista embarca num romance que promete ser o mais intenso que já viveu.

PERIGOSAS ACHERON



Escolhi você

DISPONÍVEL EM E-BOOK

[Amazon](#)

SINOPSE

Mel tem uma carreira promissora e brilhante. Porém, sua vida amorosa é um verdadeiro desastre: sua mãe acredita que a filha tem um radar para atrair cafajestes; seus relacionamentos não passam de alguns meses. Diante dessa situação, ela perdeu a esperança de encontrar o seu príncipe encantado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, ela quer ser mãe e, pressionada pela família, resolve usar um aplicativo de relacionamentos para encontrar o homem que vai ajudar a realizar seu grande sonho. Contudo, como nada na vida dessa garota é fácil, essa busca promete ser sua maior aventura.

PERIGOSAS ACHERON



Um conto quase de fadas

DISPONÍVEL EM E-BOOK

[Amazon](#)

SINOPSE

Um encontro inusitado, duas pessoas que nunca poderiam ficar juntas, um baile de máscaras, o beijo inesquecível, a noite mais quente que eles já experimentaram.

E agora? O que fazer com a avalanche de sentimentos que apareceu no dia seguinte...?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um conto de fadas moderno e ousado que vai te deixar ansioso para chegar à última página.

PERIGOSAS ACHERON



O encanto de Bela

DISPONÍVEL EM E-BOOK

[Amazon](#)

SINOPSE

Um jovem estudante de medicina que tem tudo, porém, não sabe valorizar nada.

Uma garota pobre que batalha para se sustentar sozinha.

Juntos, eles vivem um romance tão conhecido por tantos leitores, mas, dessa vez, sem magia,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

embora Bela ainda seja a protagonista da história, com seu encanto todo especial e seu prazer pela leitura, que vai mostrar à Fera que ele pode conquistar tudo o que perdeu e ainda descobrir o verdadeiro amor.

Um conto de fadas tão real que imerge o leitor em suas páginas.

PERIGOSAS ACHERON



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Instagram](#) | [Wattpad](#) |
[Site](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas

PERIGOSAS NACIONAIS

redes sociais e na **Amazon** indicando-o para
futuros leitores. Obrigada!

PERIGOSAS ACHERON